

A Praia da Saudade

ROMANCE

FRANCISCO SALGUEIRO

A história de um amor proibido
num país mergulhado na ditadura salazarista.
Um romance comovente.



OFICINA
DO LIVRO



Ficha Técnica

Título original: *A Praia da Saudade*
Autor: Francisco Salgueiro
Design de capa: Neusa Dias/Oficina do Livro
Revisão: Rui Gouveia
ISBN: 9789895556335
OFICINA DO LIVRO
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2009, Ana Garcia Martins e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: info@oficinadolivro.leya.com
www.oficinadolivro.leya.com
www.leya.pt

Agradecimentos

Este livro foi, em parte, baseado na vida do meu avô, durante a ditadura, e na experiência do meu pai ao tempo da guerra colonial.

Sem a ajuda do meu pai, ao longo de muitos dos relatos sobre a vida social durante a ditadura, e a experiência como médico nos campos de batalha em Angola, este livro não teria sido possível. Muito obrigado.

À Maria João Lourenço, com quem trabalhei pela primeira vez, um grande beijinho por todo o cuidado e dedicação na transformação do manuscrito em livro.

À restante equipa da Oficina do Livro, que colabora directa e indirectamente nos meus livros, o meu obrigado.

Luanda, 25 Dezembro de 1965

Querida Beatriz,

Amo-te e irei amar-te sempre.

Apesar de tudo, esperarei por ti para o resto da vida.

Rodrigo

1

Meto a chave na fechadura da porta da casa do avô e oiço as trancas a cantar de felicidade. Há já algum tempo que não eram exercitadas.

Desde que o avô foi internado no hospital, passou mais de um mês, que ninguém cá voltou. Eu fui a última pessoa a sair daqui.

Faz hoje exactamente 30 dias que recebi um telefonema do avô.

Do outro lado não ouvia nada a não ser uma respiração muito forte. Uma vontade grande de falar, mas, ao mesmo tempo, uma total impossibilidade. Percebi que devia ser grave, porque o avô Rodrigo nunca me ligava a meio da tarde, além de que nunca tinha utilizado o telemóvel.

Falávamos todos os dias ao telefone às oito da noite em ponto. A pontualidade britânica tinha sido adquirida em Inglaterra, onde viveu quatro anos, quando trabalhou no Great Ormond Street Hospital for Sick Children.

Meti-me no carro e vim o mais rapidamente possível para aqui. Houve, pelo menos, cinco sinais de trânsito vermelhos que na minha cabeça se encontravam esverdeados. Precisava de chegar tão depressa quanto possível à casa da pessoa mais importante da minha vida.

Durante dois segundos toquei à campainha tantas vezes, que o meu indicador quase ficou sem impressões digitais. Eu tinha a chave de casa dele, desde os dez anos, mas nunca a usava. Batia sempre à porta. O respeito pelo espaço e pela liberdade das pessoas tinha sido um dos traços fundamentais de carácter que ele me ensinara.

Era óbvio que o avô não teria tempo de abrir a porta em dois segundos, nem que tivesse turbinas em vez de pernas.

Eu sabia que, mesmo estando à espera dois dias, ele não iria abri-la. A fortíssima ligação que tínhamos um com o outro fazia-me ter a certeza de que algo de muito grave se passava.

Ele era a pessoa mais importante na minha vida e fora a mim que ligara a pedir ajuda. Apesar de ter sido um pedido marcado pela ausência de palavras, cabia-me a mim salvá-lo.

Meti imediatamente a chave na porta, abri-a e comecei a chamar por ele.

- Avô? Avô, onde está?

Sabia que não me iria dar nenhuma resposta, mas foi uma certa réstia de esperança que emitiu ordem ao cérebro para fazer essas questões. Ainda queria acreditar que ele se encontrava bem e que eu estava a ser precipitado.

Corri de imediato, ao longo do enorme e comprido corredor, até chegar ao quarto dele, que ficava mesmo ao fundo. Foram vinte metros que me pareceram a maratona. Nunca mais lá chegava. Cada passo que dava, sentia que me afastava mais. A minha cabeça andava à roda, como se me encontrasse dentro de uma máquina de lavar e estivesse a ser usado o programa de secagem rápida. A pressão era tanta, que poderia desmaiar a qualquer momento.

Tinha de fazer um esforço. Apercebi-me de que a porta do quarto estava entreaberta e lá consegui ver uma mão. Apenas uma mão. Ao seu lado, um telemóvel.

O meu cérebro entrou em modo máquina do tempo e regressou ao dia em que eu lhe tinha dado aquele telefone, há vários anos. Num Natal. A primeira reacção dele fora:

- O que é isto?

- Um telefone, avô.

- Um telefone? Mas para quê? Já tenho um aqui em casa.

- Mas este é diferente. É um telemóvel. É uma tecnologia nova. Dá para o avô fazer chamadas onde quer que esteja.

- Estás a dizer que eu posso telefonar do meio da rua? - perguntou surpreendido

- Sim. Da rua, da praia... - respondi sem ter tempo de terminar. - Mas eu não vou à praia e, na rua, para que é que preciso de fazer uma chamada da rua? Toda as pessoas vão ouvir a minha conversa. Isso é uma total ausência de privacidade, já para não falar na falta de respeito, pelo simples facto de incomodar os outros.

- Mas o avô, se um dia se sentir mal, pode ligar-me a pedir ajuda onde quer que esteja - disse eu, na altura com dezassete anos.

Apesar desta reacção, sabia que tinha gostado do meu presente, porque durante mais de dez anos o telefone ficou em cima da mesa de cabeceira, sempre ligado ao carregador. Na mesma posição e sem nunca ter sido utilizado, excepto no dia em que lho dei e expliquei como funcionava.

Fora por causa da voz ensurdecedoramente silenciosa que viera do telemóvel que eu sabia ter-se passado algo de muito grave.

2

Abro a porta de casa do avô e sou imediatamente cumprimentado pelo cheiro dos milhões de livros ordeiramente empilhados.

Há já muito tempo que não havia espaço para prateleiras e todos os milímetros eram usados para colocar livros. Eu nem sei qual a cor das paredes. Não creio que alguma vez tenha visto esta casa sem ser recheada com livros. Livros de medicina, de pintura, grandes poetas e escritores. Quem calhar aparecer por ali e estiver desprevenido poderá achar que está com alucinações, porque irá ver o mesmo livro em quatro divisões diferentes.

Mas não são alucinações. A vontade do avô em comprar livros era tanta, a vontade de ter conhecimento, tão grande, que por vezes já nem se lembrava de ter comprado o mesmo livro uns anos antes, ou simplesmente queria ter o mesmo livro escrito em diferentes línguas. Sempre que viajava até ao estrangeiro pagava excesso de bagagem porque trazia pelo menos uns vinte quilos só em livros.

Ao lado dos livros vivem os discos de vinil. Eles sabiam que não eram tão amados como os livros, mas viviam bem com o facto de fazerem parte da segunda divisão das preferências do avô. Há já algum tempo que se tinham resignado à sua qualidade de antiguidades e ficavam contentes se não fossem colocados num gira-discos, sentindo a agulha trespassá-los, obrigando-os a emi-tir música. Necessitavam de descanso e tanto melhor se ninguém desse pela sua presença.

Junto deles, orgulhosamente nas suas pequenas caixas transparentes, estão os CD. Os primeiros ainda tiveram espaço para ser colocados em prateleiras que o avô

mandara construir de propósito. Só que, ao serem comprados a um ritmo assustadoramente rápido, tiveram de ser colocados no chão, ou onde quer que existisse um espaço disponível.

O CD encontram-se aparentemente espalhados, mas o avô sabia perfeitamente onde estavam. Bastava perguntar-lhe por uma música, que, com a velocidade dos computadores da NASA, encontrava-a logo. Estavam todos por ordem. Os de *jazz* catalogados por ordem alfabética, começando no A e acabando no Z, tendo o D, de Dexter Gordon, e o M, de Miles Davis, um tamanho considerável. Depois apareciam os de música clássica, também por ordem alfabética, e com a grande predominância de Bach e Chopin. E por fim os de música francesa: Léo Ferré, Serge Gainsbourg, Yves Montand, Françoise Hardy e Charles Trenet. No meio deles, o «Yesterday» dos Beatles, a sua música preferida.

Várias vezes tentei comprar-lhe um iPod para armazenar todas músicas e assim conseguir ter um bocado mais de espaço em casa. Mas ele dizia que a música era para ser ouvida e para ser sentida: a fotografia da capa, o peso do disco, o cheiro do plástico. Para ele, a música não eram apenas os sons. Era a experiência completa de ter o objecto na mão. Para o avô, o iPod era um sinal do apocalipse.

E por fim os jornais, também usados como objectos involuntários de decoração. Há literalmente toneladas de jornais, que sempre tive a certeza poderem pôr em causa o equilíbrio da estrutura do prédio. O avô Rodrigo guardava jornais que já tinham pertencido ao seu pai. O mais antigo era de 1914.

Olho para o longo corredor da enorme casa, e, desta vez, a porta do quarto do avô está fechada. Exactamente como eu a deixei. Não sei porque a fechei quando parti à pressa

com o INEM. Talvez para imitar o gesto dele sempre que de lá saía. Possivelmente uma forma de respeitar os seus hábitos.

Nunca mais tinha regressado a esta casa. Prometera ao avô que só com ele ao meu lado cá voltaria. Tinha-lhe prometido mas em versão telepatia. Não sei se ele alguma vez chegou a ouvir este meu voto.

Quando o encontrei deitado, chamei de imediato uma ambulância. O coração não batia. Comecei a fazer massagem cardíaca. Não sei quanto tempo estive a tentar reanimá-lo. O avô não podia morrer. Ele era a pessoa que eu mais amava, e, se tivesse de ficar durante dois anos a reanimá-lo, certamente que teria forças para o fazer.

Só parei quando senti uma mão nas minhas costas. Olhei para trás e vi dois senhores vestidos de branco. Fiquei aliviado porque, se fosse a morte, viria vestida com uma longa capa negra, capuz a tapar toda a cabeça, só se vendo os olhos, e uma gadanha nas mãos. Estes eram anjos. Não tinham asas, mas vinham com um desfibrilador nas mãos. Dois médicos do INEM.

Afastei-me e deixei-os colocarem os eléctrodos no peito do avô. Lembro-me de pensar que, se calhar, estaria a sonhar, que a qualquer momento iria acordar e veria que não tinha passado de um pesadelo. De facto, estava todo suado, e isso é o que costuma acontecer em sonhos muito maus. Tinha de ser.

Vi o corpo do avô levantar-se ligeiramente do chão quando dispararam a primeira carga do desfibrilador. Ao sentir o soalho de madeira estremecer com o movimento dele é que percebi que não podia ser um sonho. Os sonhos não têm cheiro nem vibrações.

A máquina continuou a não desencadear qualquer sinal de vida. Voltaram a repetir o choque, e de novo o corpo do avô

levitou uns centímetros e voltou rapidamente a cair em cima do chão.

Em segundos, suor e lágrimas misturavam-se, tornando a minha cara numa zona de calamidade.

Dizem que, quando estamos quase a morrer, a nossa vida passa diante dos olhos. O que nunca ninguém afirma é que, quando vemos alguém de quem gostamos muito numa luta entre a vida e a morte, sobretudo quando a morte está a ganhar vantagem, isso também nos acontece.

Aquele mesmo local onde o avô estava deitado tinha sido o sítio onde os dois brincáramos muitas vezes. O quarto dele era a minha divisão preferida. Sabia que ele não gostava que ninguém lá entrasse. Para ele, era um espaço sagrado. O local onde eu sempre achei que deveria ter algum segredo escondido e não queria que se soubesse.

Ali, precisamente onde estava a ser socorrido, debaixo de uma tenda improvisada feita com um lençol agarrado à cama e à maçaneta da porta, tinha-me contado algumas aventuras dos anos que passara em África durante a guerra.

Sentia-me um privilegiado, porque era uma fase da vida dele sobre a qual não falava a ninguém. A mim, e apenas a mim, relatava como tinha passado anos da vida a lutar por uma guerra que não era sua, mas para a qual tinha sido obrigado a ir.

Era nesse mesmo sítio, sem lençol a fazer de tenda, que ele estava deitado no meio do chão. Tinha resistido aos tiros e às catanas, mas não estava a conseguir aguentar a pressão conjunta de um ataque cardíaco e de um AVC.

3

Fui na ambulância com ele para o hospital. Olhava para o avô inconsciente, enquanto o barulho da sirene e a velocidade da ambulância me iam deixando cada vez mais maldisposto. Já tinha estado naquela situação centenas de vezes e nunca me deixara afectar. Eram apenas cidadãos anónimos. Pessoas que eu precisava de salvar, mas que não me diziam nada. A elas não me podia ligar, senão corria o risco de ter de mudar de profissão ao fim de pouco tempo.

Naquele momento era diferente. Era o avô que ali estava. Apesar de todos os anos do curso de Medicina, e do conhecimento que possuía sobre o corpo humano e daquilo que se pode fazer para o tentar salvar, estava completamente impotente. Não havia nada que pudesse fazer.

Só me restava esperar. Esperar que ele lutasse. Que houvesse dentro do avô uma chama adormecida que o fizesse continuar a querer estar vivo. Eu sabia que muitas vezes era a vontade dos doentes que os fazia derrotarem a morte. Era isso que eu tinha esperança que acontecesse. Que ele quisesse esquartejá-la.

Chegámos ao hospital e vesti a bata, para me sentir útil. No caminho tinha ligado aos melhores amigos do avô Rodrigo, e também a alguns ex-alunos dele, para estarem a postos quando ali chegássemos.

Mal a ambulância parou, esperava-nos um comité de recepção digno de um presidente. Todos sabiam que tinham uma missão: salvar o homem que, de uma forma ou de outra, os tinha tocado nalgum momento da sua vida.

Fui para a sala de operações, e o António Castro Guimarães, um dos melhores amigos dele e clínico geral,

dissuadiu-me de lá entrar. Não iria conseguir fazer nada. Não iria ter discernimento para pôr em prática tudo aquilo que tinha aprendido. Estava emocionalmente ligado àquele homem.

Durante horas a fio andei de um lado para o outro no corredor do hospital, que conhecia de cor e me parecia uma mistura de labirinto com prisão.

Aos meus olhos, Santa Maria era o sítio onde tinha tirado o curso e onde, após o estágio, ia começar o internato geral. Seria apenas um local transitório. Não conseguiria ficar ali muito tempo. Para mim, um hospital teria de ser um sítio que fizesse o paciente querer viver e não achar que já tinha chegado ao purgatório.

Queria trabalhar num dos novos hospitais de Lisboa, onde pudéssemos dar ao doente condições de sentir que é um ser humano. Mas, para o avô, esses locais não eram bem unidades de saúde. Eram *spas* disfarçados de hospitais. Ele estava habituado aos longos e cinzentos corredores de Santa Maria. Para ele, um hospital era um lugar sombrio. Era um lugar onde a morte estava por todos os lados. Santa Maria tinha sido a sua vida. Ao Hospital de Santa Maria ele tinha dado praticamente toda a sua idade adulta. Naquele momento era tempo de Santa Maria lhe agradecer e lhe devolver o favor sob a forma de vida.

Ao fim de muitas horas, o António Castro Guimarães veio ter comigo. A cara dele dizia tudo. Eu próprio já tinha feito aquela cara algumas vezes e sabia o que queria dizer. Ele nem precisava de abrir a boca. Já tinha lido, em muitos livros, sobre como falar com os familiares perante situações daquelas.

As lágrimas voltaram a escorrer pela minha cara. Apesar de ainda ter pais, sentia-me órfão. Ia ficar só no mundo. O avô não podia morrer. Eu sabia que ele ainda tinha de estar

a lutar para viver. Ele era forte de mais para se deixar ir no primeiro AVC e ataque cardíaco. Ao longo da vida, sempre correria. Mesmo com os setenta e dois anos que tinha, continuava a correr trinta minutos todas as semanas.

O António Castro Guimarães aproximou-se de mim, e dentro da minha cabeça esperava que ele, sabendo que eu tinha conhecimento do que aquela cara significava, estivesse a pregar-me uma partida e acabasse por dizer que afinal estava tudo bem com o avô Rodrigo.

Senti-o como se fosse um carrasco. Como se eu estivesse prestes a ter os últimos segundos de vida. Nesse momento deixei de ver movimento à minha volta. Tudo parecia ter sido colocado em pausa.

A cara dele continuava a dizer «Lamento...». Mas eu ainda tinha esperança.

Ele parou à minha frente, olhou para o chão e respirou fundo.

- Tomás... temos de ser fortes numa altura como esta...

4

Tinha sido na ambulância que eu fizera a promessa de que só acompanhado por ele voltaria a entrar nesta casa. Guardava a esperança de que, mesmo de olhos fechados, ele conseguisse ouvir-me e que isso fosse a razão que o levasse a ter a última réstia de força para derrotar a morte. A imagem que eu tinha dele era a de um homem forte. Capaz de enfrentar tudo sem medo.

Infelizmente eu não conseguira cumprir a promessa. Estava a entrar em casa, sem o ter ao meu lado.

Apesar de o avô viver sozinho, há muitos anos, esta casa sempre me parecera cheia de energia. A simples presença dele, cá dentro, era o suficiente para lhe dar vida. Ele era a corrente que alimentava os livros, os discos e os jornais, que emitiam sons em voz alta.

Mas, sem o avô aqui dentro, sinto que os livros e os discos estão em luto. Deixaram de ter razões para estar vivos. Nem mesmo eu, que tantas vezes os ouvi e li, sou suficiente para lhes injectar alegria.

Sem o avô, uma parte importante das nossas vidas será amputada. Vamos ficar sós para sempre.

Sinto que estou rodeado pelos irmãos que nunca tive. Neste momento não nos resta senão consolarmo-nos silenciosamente uns aos outros.

Sei que tenho de me dirigir ao quarto do avô. Ao coração desta casa. Começo a caminhar lentamente ouvindo a minha voz e a voz dele vindas de todos os cantos. Oiço-o atrás de mim a fazer de dinossauro. Oiço-me a correr atrás dele, a fingir que sou um monstro. Nesta casa estão escondidas as recordações mais felizes da minha infância.

E isso é o que terei sempre dele: recordações. Elas irão acompanhar-me para o resto da vida. O avô não está aqui comigo, mas irá ficar guardado dentro de mim, isto claro, desde que eu não tenha um ataque de amnésia. E é o que eu mais temo que um dia venha a acontecer, nunca mais me lembrando do que passei na vida ao lado daquela pessoa tão especial. Um ser humano maravilhoso que me fez descobrir Mozart, as leituras mais importantes, desde Graham Greene a *O Príncipezinho*, ou então que, sem nunca me ter dito para ir para Medicina, me levara a querer seguir o curso dele.

Acima de tudo, foi ele a pessoa que me ensinou a importância da liberdade e do respeito pelos outros.

Tenho uma missão pela frente. Sinto que é uma missão bem mais importante do que aquelas que o avô fez em África, porque esta é uma missão de afecto. Uma missão feita de um amor profundo a uma pessoa que amarei para sempre.

Coloco a mão na maçaneta do quarto e estou com medo. Medo de o ver de novo deitado no chão, envolto por médicos do INEM. Medo de o ver com o desfibrilador a disparar corrente eléctrica pelo corpo.

Abro a porta e sinto o cheiro dele. Sou abraçado pela sua presença. Pela sua vida. Ao contrário do que temi desde que aqui cheguei, o quarto não guarda a passagem dele para a morte, mas sim os anos de vida que teve.

Cá dentro está reunida toda a alegria de vida que compartilhou comigo, e apenas comigo. Tirando esses momentos, ele era uma pessoa austera, que não mostrava sentimentos a ninguém. Talvez por a minha avó ter morrido ao dar à luz o meu pai. Talvez o avô tenha culpado o meu pai disso. Por isso quem sabe?, a relação entre os dois foi tão complicada.

Comigo o relacionamento revelou-se sempre marcado por um amor incondicional. De parte a parte. Talvez o meu pai tenha sentido ciúmes da relação que o avô e eu tínhamos e, por isso, nunca conseguiu estabelecer uma convivência de proximidade com o filho. Ou talvez, por não a ter recebido, nunca tenha sabido como dá-la. Seja como for, eu senti sempre o avô como meu pai, e soube que ele me tinha como filho.

Olho para a cama, como habitualmente feita na perfeição. A primeira actividade que o avô executava mal saía do banho era fazer a cama. Ficou-lhe dos tempos da guerra em Angola. Para ele, a cama bem feita era um sinal de respeito para consigo. Mesmo quando a empregada ia lá a casa, a cama era ele a fazê-la. Aquele dia não tinha sido excepção.

Olho para o chão e ainda lá está caído o telemóvel. Faço um sorriso. Imagino que ele o utilizou porque sabia que não iria conseguir dizer-me nada. Sabia que eu iria perceber que era por estar em perigo. Ele deve ter-se lembrado do que lhe disse quando lho dei: «Mas o avô, se um dia se sentir mal, pode ligar-me a pedir ajuda onde quer que esteja.»

No tampo da cómoda, onde estão guardadas as suas camisas impecavelmente dobradas, encontram-se fotografias de nós os dois. Foi com ele que viajei de avião pela primeira vez. Vejo essa fotografia. Sentados no avião a caminho de Inglaterra. Não devia ter mais do que seis anos, e lembro-me de que o avô pediu à hospedeira para tirar esta fotografia. Foi uma viagem mágica. A sensação de estar a flutuar no ar fez-me olhar para o meu avô como um ser divino.

Ele era a pessoa que me fazia experimentar tudo. A pessoa que me abriu os horizontes e me deu a conhecer que existia muito mais no mundo do que apenas a vida dentro do nosso pequeno país.

Ao lado está uma fotografia dos dois, um ano depois, à frente do Louvre. Nessa altura ainda sem a pirâmide de vidro. Aos sete anos o avô queria que eu visse os grandes clássicos da pintura: Rembrandt, Leonardo da Vinci, Caravaggio.

As fotografias sucedem-se por ordem cronológica. Os momentos altos de cada uma das nossas viagens estão colocados ao lado uns dos outros, da esquerda para a direita: no bar de *jazz* em Nova Iorque, nos concertos de música clássica em Viena, em plena Praça Vermelha em Moscovo na época do comunismo, na grande muralha da China, no dia da queda do muro de Berlim...

Sempre senti que o avô tentou que eu experimentasse tudo aquilo que nunca pôde fazer, devido a ter vivido grande parte da sua vida durante a ditadura.

Apesar de toda a alegria que me transmitia quando estávamos juntos, havia uma tristeza profunda dele. Era um homem só. Vivia para o trabalho e para os seus pequenos prazeres.

Nunca falámos sobre a morte da minha avó. Era como se ela nunca tivesse existido. Sempre respeitei o seu silêncio sobre ela. Acredito que seja uma dor demasiado profunda perder alguém que se ama, ao dar à luz um filho. Deve ser difícil perceber como a fonte do amor é ao mesmo tempo a fonte da morte.

Creio que foi a tristeza de não a ter conseguido salvar, durante um procedimento aparentemente tão simples como um parto, que o terá levado a querer ser cada vez melhor no que fazia. Como se a sua profissão tivesse sido alimentada por um complexo de culpa. Era essa culpa que o levava a ser um médico cada vez mais competente, mas a torná-lo ao mesmo tempo numa pessoa cada vez mais só.

Nunca mais tinha feito a sua vida pessoal. Nunca lhe conhecera uma namorada, apesar de ter sempre pretendentes no hospital. Com a morte da minha avó, refugiara-se no seu mundo.

O meu pai foi criado pela minha tia-avó Isabel, a quem acredito que considere como verdadeira mãe, e ao marido dela, como verdadeiro pai.

Ao lado da cómoda fica a porta que dá directamente para o escritório. O local onde mais tempo passava quando estava em casa a trabalhar e onde lia durante horas.

Para além desta entrada para o escritório, há uma outra que dá directamente para o corredor. Estava sempre trancada para que a empregada não entrasse de surpresa. Ela só tinha ordem para limpar quando ele dizia.

Entro no escritório e à minha frente está uma sala enorme, cheia de janelas que dão para o topo das árvores da Avenida dos Defensores de Chaves, nas Avenidas Novas. É um último andar, mesmo em frente à Casa da Moeda.

Quando era pequeno, nunca achei grande graça a este escritório, porque para mim ele significava o trabalho e o sofrimento.

Durante as infinitas tardes e noites que passei nesta casa, em muitas delas eu ficava a brincar no quarto do avô, enquanto de porta aberta o sentia a trabalhar.

Dou uma olhadela pelo escritório e está tudo impecavelmente arrumado. Claro que o pó já está a colocar as suas tropas em locais estratégicos para o ataque.

É aqui, neste escritório, que irei levar a cabo a missão que me foi confiada. Tenho de pensar como o avô e imaginar onde poderá ter guardado o documento mais importante da sua vida.

Não me parece que seja difícil, porque a nossa convivência fez com que pensássemos de forma igual. Por

vezes, bastava um olhar para sabermos o que o outro estava a pensar. Ao telefone era difícil as pessoas reconhecerem-nos porque o nosso tom de voz era igual, bem como as palavras que utilizávamos.

Lembro-me de o avô ter um cofre por detrás de um quadro de Almada Negreiros. Muitas vezes, enquanto brincava no quarto dele, ouvia o barulho da porta do cofre a ser fechada e, muito ao longe, a voz dele a chorar. Nunca tive coragem de perguntar porquê. Mas essa era a razão que me levava a ter sempre associado este escritório ao sentimento de tristeza.

Tenho a convicção de que seria dentro do cofre que o avô guardaria algo de um enorme valor sentimental, que ninguém pudesse saber da sua existência.

Retiro o quadro e, pela primeira vez, vejo o cofre. Ele olha para mim e estranha não ser o avô. Desde que nasceu, nunca conheceu mais ninguém a não ser ele.

É um cofre de combinação. Não sei qual é. Tenho uma luta a desenrolar-se dentro de mim. Parte dos neurónios dizem-me que eu não devo estar aqui. Que não tenho o direito de invadir a privacidade do avô. Mas a outra facção incita-me e relembra-me da minha missão.

Sei que vou mexer em algo que o fez sofrer muito ao longo da vida. Não sei se estou preparado, nem sei se devo remexer nesse passado. O passado que ele nunca compartilhou com ninguém. Nem mesmo comigo.

Pela minha cabeça passam apenas duas perguntas: deverei tentar abrir o cofre, ou dou meia volta e saio daqui agora mesmo?

5

Se eu fosse o avô, qual a combinação que usaria? Fecho os olhos e começo a andar para trás no tempo. Ele deixou-me uma pista. Basta conseguir decifrá-la. Na nossa primeira viagem, a Londres, diante do Big Ben, ele comoveu-se dizendo que tinha sido o sonho de alguém muito querido ter ido ali, e depois acrescentou:

- Sabes, meu querido, foste a coisa mais importante da minha vida. Quando a tua mãe estava grávida, não liguei nenhuma. Mas, assim que te meti nos meus braços, paraste de chorar e os teus olhos semicerrados abriram. Tu sorriste. Nesse momento percebi que te iria amar incondicionalmente para sempre. Na vida temos sorte se encontrarmos alguém a quem amemos incondicionalmente. Eu tive a sorte de isso me acontecer duas vezes. A primeira fugiu-me sem que eu pudesse ter evitado. Mas desta vez não vou deixar que isso suceda.

Sempre tive alguma dúvida se ele estaria a referir-se à minha avó ou ao meu pai. Qualquer um dos dois encaixaria, porque ele sentia que não salvara a minha avó, e provavelmente sentia que não tinha estado presente na educação do meu pai.

- A data do teu nascimento é chave para estar junto do meu outro amor. Nunca te esqueças disso.

Na altura não liguei muito a esta frase. Mas neste momento em frente ao cofre tenho a certeza de que a data do meu nascimento o fará abrir: 29684.

Viro os botões e oíço um clique. Sorrio. A data do meu nascimento guarda algo que o consumiu durante anos.

Inspiro fundo e abro lentamente a porta. Diante dos meus olhos estão vários envelopes. Na base, um enorme envelope

A4, sobre o qual estão empilhados uns dez envelopes de correio normal. Nenhum está selado.

Fico a olhar sem ter coragem de pegar no passado do meu avô. Volto a inspirar, seguro neles e vou até à secretária, pousando-os.

Sento-me na cadeira dele e, pela primeira vez, tenho a perspectiva que o avô sempre teve deste escritório. Imagino-o nesta posição a pensar onde iria guardar estes envelopes. Imagino-o a chorar sempre que os abria.

Olho pelas janelas e está a começar a ficar noite. Ao longe vejo o sol a pôr-se por detrás de Monsanto.

Pego no envelope grande. Enfio a mão lá dentro e sinto um molho com mais de cinquenta páginas. Puxo-as para fora e cai no chão a fotografia a preto e branco de uma mulher e um envelope fechado que diz apenas Beatriz.

O nome da minha avó.

Olho para a fotografia e imagino que seja ela. Nunca a tinha visto. Uma mulher lindíssima. Morena e com olhos claros. Pela paisagem parece-me ser o Guincho. Sim, atrás dela está o Hotel do Guincho. Há na minha avó algo que transmite uma enorme felicidade, muito para além do sorriso que tem na cara. Existe nela o brilho que surge apenas quando estamos perante um momento único. Terá sido o meu avô a tirar-lhe a fotografia?

Tocam à campainha. O meu coração passa das habituais sessenta batidas por minuto para umas perigosas trezentas e vinte. Estava tão absorvido, que nem me tinha lembrado de ter combinado com Bárbara, a minha namorada, para cá vir ter comigo.

Quando lhe telefonei, não me sentia capaz de enfrentar a casa completamente só. Desde o momento em que começámos a namorar, há mais de três anos, senti ser ela a pessoa que gostaria que ficasse comigo para o resto da

vida. Nenhum dos dois conseguia dizer nada. Havia uma sensação que só tivera com o avô, de estar a comunicar de forma telepática. Como se nos estivéssemos a entender de uma forma inconsciente. Como se o nosso olhar fosse o suficiente para percebermos que aquele momento não poderia ficar por ali. O sorriso encantador e os olhos azuis que iluminavam por onde andava eram um bónus. Criámos uma empatia como nunca tinha tido com mais ninguém a não ser com o avô.

Rapidamente descobrimos o gosto comum pelas viagens e todos os anos percorremos um país diferente. Do mais remoto ponto, como Machu Pichu ou a Terra do Fogo, à mais cosmopolita Nova Iorque ou Barcelona. Ela, tal como eu, tem uma enorme vontade em conhecer todos os povos do mundo e aprender com as diferentes culturas. Há em nós uma sede de fazer tudo aquilo que era vedado aos nossos avós.

Com ela sentir-me-ei com mais força para entrar no passado do avô, que há trinta dias teve o AVC. Coloco as cerca de cinquenta folhas, que tenho nas mãos, em cima da fotografia e do envelope endereçado à Beatriz.

Vou até à porta. Abro-a.

- Olá, querido - diz a Bárbara enquanto me dá um beijinho e passa a mão pela minha cara ao ver como estou triste.

- Olá, querida - respondo com uma voz ausente.

- Vim logo mal me ligaste. Como está o teu avô? Ele acordou do coma?

6

- Beatriz?! - exclama a Bárbara em tom interrogativo.
- Sim - respondo enquanto nos dirigimos para o escritório.
- Mas deixa-me contar como deve ser: por volta das quatro da tarde recebi um telefonema do António Castro Guimarães, que me disse para ir imediatamente ao hospital porque o avô queria falar comigo.
- Mas ele acordou do coma assim, sem mais nem menos?
- Normalmente é o que acontece em situações de coma. As pessoas acordam sem se saber muito bem qual a razão.
- E isso quer dizer que ele vai ficar bom? - pergunta a Bárbara esperançada.
- Não me parece - respondo triste.
- Mas ele ter acordado não é um óptimo sinal? Não teria sido bem pior se ele tivesse continuado no coma?
- Em teoria, sim, mas sinto que ele acordou para pedir um último desejo...
- Último desejo, o que queres dizer com isso?
- Quando acordou estava muito inquieto. Não parava de se mexer e de chamar pelo meu nome. Gritava cada vez mais alto para que eu lá fosse. Só acalmou quando cheguei. Ele estava agitadoíssimo.
- Mas é normal isso acontecer, quando se acorda de um coma?
- Pode ser, mas senti que havia ali alguma coisa mais. Os olhos dele transmitiram-me muita ansiedade. Muita angústia. Ele queria comunicar comigo, mas não conseguia. Provavelmente a fala e outras funções motoras terão sido afectadas pelo AVC. Ele estava muito vermelho. Talvez pela frustração. Olhava para mim em pânico para que eu percebesse o que me estava a tentar dizer. - E o que era?

- Ao princípio não consegui perceber. Ele emitia um som seco. Pensei que estava a tentar aclarar a garganta, mas, quando percebeu que não o conseguia entender, foi falando mais alto. Fez-me muita impressão ver o avô naquele estado. Nós sempre comunicámos quase por telepatia e, pela primeira vez, não conseguia compreender o que ele me queria dizer.

- E como é que acabou por dizer esse nome?

- Aos poucos o som foi-se transformando numa palavra, e pareceu-me ser Beatriz.

- Esse não era o nome da tua avó?

- Sim. Aí fiquei preocupado porque achei que ele devia estar a delirar. Provavelmente pensava que a avó estava viva e queria falar com ela.

- Coitado... - diz a Bárbara com ar triste.

Desde o primeiro dia em que se conheceram, o avô e a Bárbara estabeleceram uma relação fora do vulgar. Era como se já se conhecessem há muito tempo. Por vezes até brincava e dizia que parecia que os dois namoravam um com o outro e não eu com ela. Frequentemente ela vinha aqui sozinha almoçar com ele. Ficavam a falar durante horas. Ele sempre me disse para eu nunca largar a Bárbara, porque ela era uma pessoa especial.

- Eu tentei explicar, calmamente, que a avó já tinha morrido e que ele tinha tido um AVC e estava confuso porque acabara de acordar de um coma. Aí ele começou a mexer-se tanto na cama que quase ia dando uma queda. Nessa altura tiveram de lhe dar uma injeção para se acalmar, porque poderia voltar a ter outro ataque cardíaco. Vi uma lágrima escorrer dos olhos dele. Havia ali um misto de tristeza profunda e um pedido de socorro. Percebi que teria de fazer um esforço adicional para tentar perceber o que queria.

- E conseguiste?
- Mesmo antes de ele adormecer, ainda teve tempo para dizer «casa».
- Casa? Mas que casa?
- E já com a voz entaramelada e muito arrastada disse que o tesouro está em casa.
- Tesouro? - pergunta a Bárbara sem perceber.
- Pois.
- Mas ele tem um tesouro escondido aqui em casa?
- Pelos vistos. Se bem conheço o avô, que sempre foi uma pessoa muito pouco dada ao dinheiro, o tesouro não deve ser um baú cheio de moedas de ouro. Tem de ser muito mais importante do que isso. Um tesouro pessoal do qual deseja voltar a aproximar-se e, quem sabe?, talvez levar com ele...

Não consigo chegar até ao fim da frase. A ideia de sentir que o avô pode estar quase a partir é dolorosa de mais para mim.

Tenho de me concentrar e encontrar o que ele quer. Essa é a minha missão. Se ele tiver mesmo de ir embora, ao menos que vá com o seu último pedido satisfeito. Será uma profunda tristeza na minha vida, mas pelo menos sentirei a satisfação de o avô ter partido da maneira que queria, com o tesouro que desejava ao seu lado.

A Bárbara dá-me um abraço e ficamos os dois na mesma posição, durante uns segundos, sem nos mexermos. Eu não páro de chorar, enquanto sinto as mãos dela passarem pelo meu cabelo. Noto que está a fazer um enorme esforço para também não chorar.

- Bom... - começo a dizer limpando as lágrimas, mas acabando por as espalhar por toda a cara. - Acho que descobri o tesouro de que o avô está à procura...

- A sério? - pergunta a Bárbara entusiasmada. - O que é?

7

A Bárbara olha para mim à espera que eu responda. Não consigo abrir a boca e revelar-lhe o conteúdo do tesouro porque eu próprio não sei bem o que conterà.

- Tomás, não dizes nada?

- Olha para cima da secretária.

Imediatamente a Bárbara vira os olhos e vê os envelopes empilhados e o molho de folhas que acabei de tirar de dentro do sobrescrito grande.

- Envelopes? - pergunta confusa. - Já leste o conteúdo? Como sabes que é este o tesouro?

- Porque foram eles que o fizeram chorar muitas vezes. Eles fazem parte da sua intimidade, que nem comigo conseguiu partilhar. Devem estar relacionados com a minha avó.

- Então vamos pegar neles e levá-los para o hospital.

- Já pensei nisso, só que ele não está em condições de falar e muito menos de ler.

- E agora, o que fazemos? Lemos as cartas do teu avô?

- Acho que é isso que ele quer. Acho que foi por isso que chamou especificamente por mim. Sou a única pessoa em quem o avô confiaria que as lesse sem estar a devassar a sua intimidade.

Inspiro e ganho coragem para tocar em envelopes que durante uma vida inteira só ele terá sabido da sua existência e que só ele tocou. Estes envelopes e o seu conteúdo são parte do avô.

Pego no molho de papéis, que tirei de dentro do envelope grande, e sento-me num dos sofás do escritório.

Sinto que ele está prestes a contar-me uma grande história como fazia quando eu era mais pequeno. Agora

sinto que ele está aqui e que isso vai acontecer novamente.

A Bárbara acompanha o meu movimento e senta-se no sofá mesmo ao lado de onde estou.

Olho para os papéis com atenção e reparo que têm o logótipo do pacote *Vera Cruz* na parte de cima. Já estão ligeiramente amarelados, dando ideia de terem sido escritos há muitos anos. A primeira linha diz: «A quem descobrir este envelope.»

Começo a ler em voz alta, mas a voz que entra pelos meus ouvidos não é a minha, mas sim a do avô.

Oceano Atlântico, 20 Janeiro de 1965

A quem descobrir este envelope:

Se estiver a ler esta carta, provavelmente é porque alguma coisa me aconteceu.

Estou a escrevê-la não para deixar um relato da minha vida, porque ainda é muito curta e não acho que seja merecedora de grandes relatos, mas talvez para passar o tempo e de certa forma tentar dissipar a ansiedade que tenho neste momento.

O meu nome é Rodrigo Guerra Salgueiro, tenho vinte e sete anos, sou médico, faço parte do Batalhão 753 do Regimento de Artilharia Pesada de Vila Nova de Gaia e estou no pacote *Vera Cruz* a caminho da guerra em Angola.

Caso alguém encontre este envelope, peço que o entregue à pessoa que mais amo na vida: Beatriz.

Sinto uma grande raiva por ter sido obrigado a afastar-me dela. Uma raiva por me ser imposto combater numa guerra em que não acredito. Uma guerra onde vamos matar quem

está a defender a sua pátria. Nós somos o povo colonizador. Não temos o direito de lá estar.

Por causa de uma guerra sem sentido, não sei se alguma vez irei voltar a ver alguém que me fez ser mais feliz. Alguém que me fez ter vontade de acordar todos os dias.

Sei que estas afirmações podem parecer frases feitas que qualquer pessoa apaixonada diz, mas no meu caso é diferente. Há algo na nossa relação que faz com que juntos sintamos ser capazes de conquistar o mundo.

Odeio esta guerra, mas, se não fosse ela, nunca teria conhecido a Beatriz.

Estou sentado na minha cama, no camarote que compartilho com o João, também médico. Ele é como se fosse meu irmão.

Está um calor que não me deixa esquecer que vou para a guerra. Saímos de Lisboa há quatro dias. Ainda teremos mais uns cinco de viagem, mas o frio que deixámos em Lisboa foi derrotado pelo calor africano. A despedida em Santa Apolónia foi um momento que deixou uma profunda mágoa dentro de mim. Sempre que me relembro desse momento, ainda me vêm as lágrimas aos olhos.

No Cais da Rocha do Conde de Óbidos estavam milhares de pessoas. Havia um choro colectivo que se devia ouvir no outro lado do universo. As famílias não queriam deixar-nos embarcar, e nós, se pudéssemos, também não o teríamos feito.

Eu sentia-me hipnotizado com o que me estava a acontecer. O meu corpo vedava a entrada de sons e outras imagens que não fossem a Beatriz.

Já com saudades, não a abraçava, não lhe dava beijinhos. Naquele momento, apenas pensava em tudo o que tínhamos vivido, de modo a que a imagem dela ficasse registada na minha cabeça para sempre.

Era suposto a Beatriz estar à minha frente, para o nosso último adeus. Prometera. Contudo, a verdade é que ela não apareceu.

É melhor começar pelo princípio.